



ESPIRITUALIDADE



Missão

Promover um ensino que permita o desenvolvimento do indivíduo de modo integral, visando sua autonomia intelectual e a autorrealização, formando profissionais críticos e reflexivos com visão generalista e multidisciplinar, conscientes de seu papel social.”



Valores

A confiança, sensibilidade, flexão, justiça, honestidade, autodesenvolvimento, respeito ao próximo e percepção, empatia, descentralização e nobreza de espírito.”



Visão de futuro

Ser uma Instituição de Ensino Superior (IES) reconhecida pela excelência nos serviços educacionais, meios para que a sua comunidade acadêmica realize, em sua plenitude, as legítimas aspirações da pessoa humana, atuando em perfeita sintonia com a sociedade apoiada em valores éticos inalienáveis, buscando sempre a racionalização de recursos e a otimização de resultados, comprometida com as transformações do seu tempo.

Princípios institucionais

- ❧ Ética, consciente de sua responsabilidade social e compromissada com os valores de justiça, igualdade e fraternidade;
- ❧ Atuante no resgate da cidadania, na formação do cidadão como ser ético e político, consciente de suas responsabilidades, de seus direitos e deveres;
- ❧ Aglutinadora, aberta a todo o saber, crítica, criativa e competente;
- ❧ Comprometida com resultados;
- ❧ Aberta a parcerias e alianças com outras instituições, objetivando desenvolver programas de integração;

Sobre o autor:**Prof. Dr. José Calixto****FORMAÇÃO ACADÊMICA**

Doutorado na área de teologia aplicada pelo UNASP- EC (2008), com tema: “A vida devocional sob o impacto da mídia contemporânea. Mestrado em Ciência da religião na Faculdade Unida de Vitória - ES (2019), sobre o “Dualismo face a integralidade na relação corpo-alma” e um mestrado em teologia pastoral no UNASP- EC (2002). Concluiu uma pós-graduação em Filosofia da Religião na UGF-RJ (2011), tratando de “A natureza humana de Cristo no contexto pré e pós lapsariano”.

Atuou como professor de teologia, nas áreas aplicada, bíblica e histórica.

É autor dos seguintes livros: O Cuidado de Deus - história e profecia, Como Entender Jesus Cedo Vem, Lições Doutrinárias, Como Obter Esperança nas Tormentas, a Natureza de Cristo, Verdades Esclarecidas e Ministério pastoral: Raízes bíblicas, desafios e aplicações.

APRESENTAÇÃO

Caro/a estudante,

O conteúdo “Espiritualidade” é essencial para o curso de Teologia porque, em muitos aspectos, leva em conta o relacionamento da criatura com o Criador – Deus. O termo espiritualidade faz alusão ao sentido da vida e pode se encontrar com a religiosidade, mas não significa que são a mesma coisa. Existe a possibilidade de que alguém viva uma espiritualidade sem que se ligue a nenhuma crença religiosa.

Para o alcance do estudo, serão ressaltados passos bibliográficos e teóricos que destacam a importância da espiritualidade, através da vida devocional, da oração, do jejum, do estudo da Bíblia e administração do tempo, para a obtenção da santificação, sem a qual ninguém verá a Deus (He 12:14).

Uma síntese das unidades dois e três foi extraída de minha tese doutoral, defendida em dezembro de 2008, com o título: “A vida devocional sob o impacto de mídia contemporânea”. O destaque da santificação, também insere consistente esclarecimento envolvendo a temática.

Os temas serão divididos em quatro unidades, com as devidas subdivisões.

Na UNIDADE 1, “RELIGIOSIDADE E ESPIRITUALIDADE”, o aluno perceberá a similaridade e diferença entre religiosidade e espiritualidade, bem como a importância de cada um; Também observará os perigos da religiosidade hipócrita e desprovida de significado.

Na UNIDADE 2, “PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA ESPIRITUALIDADE” – parte I, o aluno examinará os benefícios da devoção para a espiritualidade. Além de apontar a influência do Espírito Santo na devoção cristã, observa obstáculos que impedem ou dificultam um relacionamento eficaz com Deus. Também verificará os benefícios da oração e do jejum para a espiritualidade autêntica.

Na UNIDADE 3, “PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA ESPIRITUALIDADE” – parte II, compreender-se-á que, como alternativa primordial para fortalecer a espiritualidade, requer-se prioridade no estudo da Bíblia, destacando um método

eficaz para tal; também se faz necessário uma boa administração do tempo para este objetivo.

Na UNIDADE 4, “SANTIDADE E FORMAÇÃO ESPIRITUAL”, o aluno, além de analisar definições e significados da santidade, observará que ela caminha de mãos dadas com a religiosidade e espiritualidade. Observa-se que, como padrão de pureza moral, a santidade se fortalece à medida em que se aproxima de Deus. Também destaca que a formação espiritual do líder de igreja, envolve a busca da santidade através de boa conduta.

A disciplina não pretende exaurir o amplo alcance do tema, porém auxiliar na compreensão da comunhão autêntica. Não objetiva simplesmente transmitir informações, mas contribuir na formação de novos hábitos e mudança de vida. Ao explorar esta disciplina da teologia cristã, o aluno descobrirá como ela pode ajudar o ser humano a ter sempre o Senhor diante de si (Sl 16:8) e, assim experimentar “plenitude de alegria na Sua presença” (Sl 16:11).

Estudar a temática significa alcançar alturas extraordinárias. Bom voo!

Prof. Dr. José Calixto

Sumário

UNIDADE 1 – “RELIGIOSIDADE E ESPIRITUALIDADE.....	8
1. Religiosidade	8
<i>O perigo da religiosidade hipócrita.....</i>	<i>9</i>
2. Espiritualidade.....	10
Tipos de espiritualidade	12
Benefícios da espiritualidade	12
Considerações finais	14
UNIDADE 2 – PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA ESPIRITUALIDADE	
.....	16
Parte I.....	16
1. Devoção	16
Devoção e espiritualidade.....	18
Importância da Devoção	20
Ações do Espírito Santo.....	20
Devoção através do Espírito Santo	22
Obstáculos à Devoção	23
Aprendendo a meditar.....	24
2. Oração	25
Formas de orar	25
O poder da oração	28
Oração intercessora	29
Condições para a oração ser atendida.....	30
Obstáculos à oração	31
Hábitos de oração de Jesus	32

3. Jejum	33
-----------------------	-----------

Considerações finais	35
----------------------------	----

UNIDADE 3 – PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA ESPIRITUALIDADE

.....	37
-------	----

Parte II.....	37
----------------------	-----------

1. Veracidade da Bíblia	37
--------------------------------------	-----------

Razões para a leitura, estudo e meditação na Bíblia.....	38
--	----

Métodos para o estudo da bíblia.....	40
--------------------------------------	----

Dicas para ler a Bíblia	40
-------------------------------	----

2. Administração do Tempo	42
--	-----------

Desperdiçadores de tempo.....	44
-------------------------------	----

Considerações finais	44
----------------------------	----

UNIDADE 4 – SANTIDADE E FORMAÇÃO ESPIRITUAL.....

Santidade	46
------------------------	-----------

Santidade e pecaminosidade	47
---	-----------

Formação espiritual	49
----------------------------------	-----------

Parâmetros espirituais	49
-------------------------------------	-----------

Parâmetros morais	50
--------------------------------	-----------

Considerações finais	52
-----------------------------------	-----------

REFERÊNCIAS.....	53
-------------------------	-----------

UNIDADE 1 – “RELIGIOSIDADE E ESPIRITUALIDADE

Objetivos

- **Mostrar a similaridade e a diferença entre religiosidade e espiritualidade;**
- **Analisar o significado e a importância de cada um;**
- **Ressaltar os perigos da religiosidade hipócrita e desprovida de significado.**

Segundo LARSON (2003), a religião contém um sistema de crenças a que um indivíduo adere, enquanto que a espiritualidade pode ser compreendida como a experiência de uma pessoa em relação aos outros, a natureza e a Deus.

PARGAMENT (1997) comentou que o conceito de religiosidade repousa sobre aquilo que é sagrado e sobre a busca de significado, envolvendo expressões de espiritualidade e participação em igrejas estabelecidas, ações políticas e sociais, bem como atos pessoais de misericórdia e compaixão.

Alguém pontuou que a relação entre religião e espiritualidade pode ser comparada com um jogo de futebol. As regras, os árbitros e as marcações de campo ajudam a guiar os jogadores que praticam o esporte. De modo semelhante, a religiosidade – ritos, liturgia, templo e outros, podem guiar o adorador ao encontro da espiritualidade. O próximo tópico amplia o assunto.

1. Religiosidade

O termo religiosidade pode significar a qualidade do indivíduo que possui disposição ou tendência para refletir sobre os aspectos da atividade religiosa, seja qual for a religião. O religioso é alguém que nasceu e foi criado no contexto familiar de uma religião, consolidando e desenvolvendo o seu engajamento naquele sistema no decorrer dos anos. A religiosidade arrebatou seguidores de ritos e de crenças para uma determinada denominação.

No entanto, existe diferença entre religiosidade e espiritualidade? Podem ser difíceis de serem distinguidas, mas existem algumas diferenças bem definidas. A inclusão de uma pessoa no rol de membros de uma denominação religiosa e a sua participação ativa nas diversas atividades eclesiais costumam

favorecer a sua religiosidade. No entanto, aquele que abraçou o Evangelho de Jesus Cristo, mas não apresentou arrependimento profundo e nem mudança de mentalidade, pode ter sido enganado por sua própria religiosidade.

No contexto atual, a religiosidade está em alta porque os ministérios cristãos insistem em sobreviver somente dela. Muitos agregam-se à igreja, tornam-se associados, têm aparência de piedade, falam de Deus a todo instante, são religiosos casuais, não espirituais. Não se relacionam com Deus, não possuem hábitos devocionais, como a leitura da Bíblia, a oração etc. Gostam da religião, praticam os ritos, mas são vazios espirituais.

Por que há líderes e membros de igrejas crescendo na religiosidade e morrendo na espiritualidade? Apesar da religiosidade formar pessoas que convivem com os fiéis na igreja, eles (os fiéis) não crescem no relacionamento com Cristo. Não se submetem ao domínio do Espírito Santo; e, portanto, são medíocres na espiritualidade. Por outro lado, há aqueles que se empenham em crescer na espiritualidade, mesmo que não tenha possibilidade de praticar a religiosidade. A parte disso, existe o perigo da religiosidade hipócrita, como ocorreu com grupos dentro do judaísmo primitivo.

O perigo da religiosidade hipócrita

Os fariseus acreditavam que bastava ser descendente de Abraão para ter acesso livre ao reino dos céus; pensavam que eram salvos por executarem as obras da lei de Moisés; sentiam-se em uma posição privilegiada por terem recebido a circuncisão e por estarem convictos de suas crenças. A concepção errônea que eles tinham de religiosidade e espiritualidade fez com que criassem um caminho religioso que não conduzia a Deus.

O relato de Atos 8:13 mostra um exemplo de religiosidade falsa. Simão era um feiticeiro samaritano, usado pelo Diabo nas ciências ocultas, a ponto de ser chamado de 'o grande poder'. Maravilhado com as curas e milagres que Felipe realizava, professou interesse na fé cristã e foi batizado.

Os apóstolos, Pedro e João foram enviados a Samaria e começaram a impor as mãos sobre os novos convertidos, que eram batizados com o Espírito Santo. Impressionado com a manifestação do poder de Deus pelas mãos dos apóstolos,

Simão desejou fazer parte do mesmo ministério, mas com a motivação errada. Ofereceu dinheiro aos apóstolos para que recebesse o mesmo poder do Espírito.

Pedro advertiu-o severamente sobre o perigo de cair num laço do Diabo e ser usado por ele. Disse que Simão tentara comprar o dom de Deus, mas estava em fel de amargura e laço de iniquidade. Esse laço não foi quebrado com a religiosidade de Simão no convívio com os santos. O que aprendemos desta narrativa? Não confundir religiosidade com espiritualidade, pois estar no meio dos cristãos não significa possuir santidade. A seguir será tratado a espiritualidade.

2. Espiritualidade

A partir da metade do século passado, o termo “espiritualidade” começou a adquirir maior popularidade. Seu desenvolvimento coincide com um enfoque mais existencial e amplo da espiritualidade, articulando as experiências de transcendência dos fiéis, incluindo todos os aspectos da vida e ultrapassando os limites das religiões e culturas.

Mesmo que nos currículos acadêmicos da teologia espiritual, haja crescente interesse pela espiritualidade, nem sempre é fácil entender de que se está falando. FROSINI (2000) comentou que o termo “espiritualidade” é uma palavra da qual a nossa linguagem faz um largo uso, encontrando sempre, porém, uma certa dificuldade em lhe atribuir um significado preciso.

Segundo DANIELLOU, quando falamos de ‘espírito’, quando dizemos que ‘Deus é espírito’, o que queremos dizer? Falamos grego ou hebraico? Se falamos grego, dizemos que Deus é imaterial, etc. Se falamos hebraico, dizemos que Deus é um vento forte, uma tempestade, uma força irresistível. Daqui provêm todas as ambiguidades quando se fala de espiritualidade.

A espiritualidade consiste em se tornar imaterial ou em ser animado pelo Espírito Santo? O que lhe vem à mente quando se fala de espiritualidade? Alguns imaginam que nascer num lar cristão, estar batizado, obedecer a regras, realizar cerimônias, frequentar igreja, indica estar com a espiritualidade em alta.

O conceito “espiritualidade”, vem do latim *spiritus* ou *spiritual*, significa sopro, respiração, ar ou vento. Nela se reflete a busca de significados, de

conceitos que transcendem o visível, num sentido de conexão com algo maior que a si próprio, incluindo ou não a participação religiosa.

A espiritualidade é ampla e pessoal, voltada para um conjunto de valores íntimos, como completude interior, harmonia, relações interpessoais, estímulos aos interesses mútuos que dão sentido à vida. Ela está sempre presente em nosso cotidiano, no trabalho, na saúde, na educação, no lazer, na religião, na intimidade de cada um, no deitar, no levantar, enfim, em todos os tempos e momentos da existência humana, quer seja entre agnósticos ou ateus.

Embora todas as religiões enfatizem a espiritualidade como parte importante da fé, é possível ser espiritualizado sem necessariamente fazer parte de uma comunidade religiosa organizada. O rei Davi, no Salmo 27:4, declarou: “Uma coisa pedi ao Senhor e a procuro: que eu possa viver na casa do Senhor todos os dias da minha vida...”. E, no Salmo 122:1, ele disse: “Alegrei-me quando me disseram: Vamos à casa do Senhor”.

Notamos que o salmista demonstrou intensa religiosidade quando estava longe de Jerusalém, perseguido pelo rei Saul, e almejava adorar ao Senhor no santuário. Por outro lado, apesar de haver cometido graves erros e pecados, Davi sempre buscava a espiritualidade por meio de um coração contrito. Em Salmo 51:1-3, lemos: “Tem misericórdia de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade; apaga as minhas transgressões, segundo a multidão das tuas misericórdias. Lava-me completamente da minha iniquidade, e purifica-me do meu pecado. Porque eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim”.

Na época presente, há aqueles que não frequentam à igreja por motivos de doenças ou por residirem em lugares isolados, mas mantem crescente espiritualidade. Há outros crentes que realizam eventos na igreja (músicos, pregadores, líderes de departamentos etc), dizem ser espirituais, mas têm uma religião de fachada que não conecta com Deus (He 10:26).

Mesmo que a espiritualidade nunca seja uma religião, é através dela que se desenvolve hábitos, comportamentos religiosos e obtém autêntica experiência com Deus.

Tipos de espiritualidade

Frequentemente a espiritualidade é mal compreendida, pois pode basear-se em crenças pessoais ou diferentes práticas. Destaca-se alguns estilos:

a) *Espiritualidade mística*: Baseia-se no desejo de ir além do mundo material, dos sentidos, do ego e, até mesmo, do tempo. Essa abordagem centra-se nas relações pessoais e num sentido de unidade com todas as coisas (Ex.: religiões orientais).

b) *Espiritualidade autoritária*: Baseia-se em uma necessidade de definição e regras. Esse tipo de espiritualidade é particularmente comum em práticas religiosas específicas (Ex.: religiões cristãs).

c) *Espiritualidade intelectual*: Concentra-se na construção de conhecimento e compreensão, por meio de análise histórica e teorias espirituais (Ex.: estudo em ciência da religião).

d) *Espiritualidade serviçal*: É predominantemente construída em torno de servir aos outros, como uma forma de expressão espiritual (EX.: comum em religiões que creem na salvação pela caridade).

e) *Espiritualidade social*: O apoio social é visto como um dos aspectos importantes da espiritualidade (Ex.: comum daqueles experimentam sentimento espiritual na companhia de outros).

Benefícios da espiritualidade

A espiritualidade saudável advém de uma entrega contínua da própria vida a Deus. Ela produz crescimento espiritual, melhora a prática do amor fraternal, gera paciência, perdão, gentileza, compaixão, bondade para com os semelhantes, reverência, amor profundo a Deus e a outros. Ela pode ser usada até como uma forma de livrar-se da dependência por coisas materiais ou como práticas curativas.

VASCONCELOS (2011) comentou que profissionais de saúde têm descoberto a importância da prece, da fé, da participação religiosa na melhoria da saúde física e mental. Esses valores espirituais estão associados com baixas taxas de depressão, maior esperança, maior número de famílias estabilizadas e um maior número de apoio social.

FRANKL (1995) descreveu que sua experiência passada, em quatro anos nos campos de concentração, durante a segunda guerra mundial, não tirou sua vontade de viver, de servir e amar. Ele observou que os prisioneiros dos campos de concentração que melhor conservavam o autodomínio e a sanidade eram aqueles que tinham um forte senso de dever, de missão e de obrigação para com a fé religiosa.

Aqueles que recorriam às orações, às preces, às imprecações e cultos improvisados, em locais e horários impensáveis e improváveis, que guardavam as palavras de conforto da Torá, encontravam mais alento para a dor física, o cansaço, a fome, a incerteza e a angústia.

Quanto aos benefícios na educação e na saúde, VASCONCELOS (2006) constatou que pessoas religiosas e espirituais tendem a evitar comportamentos, tais como fumar e beber, que aumentam os riscos de doenças e morte. E de acordo com BENSON (1997), a religiosidade e a espiritualidade ajudam na redução do uso de álcool, na abstenção da nicotina, na redução do uso de drogas, além de ajudar na adesão aos tratamentos.

Para ilustrar o modo como a espiritualidade proporciona benefícios, FINLEY (2011) conta que, em anos atrás, na antiga Dalmácia, as casas eram feitas de pedras calcárias betuminosas, por dentro, por fora, no telhado e no piso. Quando terminava a construção, elas ficavam com um cheiro insuportável de betume.

Para resolver o problema, colocavam fogo para queimar todo betume, a partir dos poros das pedras, até consumir todo combustível. Então, as casas ficavam prontas para serem habitadas. Aquele fogo representa a ação do Espírito Santo que pode eliminar o pecado em nossa vida e fortificar a espiritualidade.

Essa pessoa divina (Espírito Santo) proporciona verdadeiro reavivamento na vida pessoal, no lar e na comunidade. Para isso, necessita ser buscada através dos princípios cristãos, como devoção, oração, jejum e leitura da Bíblia. Contudo, para que esse objetivo seja alcançado, faz-se necessário gerenciar o tempo de modo eficaz. Tudo isso é de suma importância para a espiritualidade e será tratado nas unidades dois e três.

Considerações finais

Nesta unidade, verificou-se que a espiritualidade consiste numa necessidade básica do ser humano. Ela tem ofertado muitos benefícios para os que a buscam. Vimos que ela proporciona força para superar as enfermidades, os vícios, a tristeza, sentimento de inferioridade e outros transtornos. Os benefícios espirituais são alcançados mediante reconhecimento sincero do pecado e desenvolvimento de um relacionamento profundo com Deus.

Observou-se também que, enquanto a religiosidade aponta para a importância de ser cristão, de obedecer a regras, de realizar cerimônias, de frequentar igreja etc., a espiritualidade aponta para a necessidade de manter relacionamento eficaz com Deus e com os semelhantes.

Hora de rever

Aqui foram apresentadas similaridade e diferença entre religiosidade e espiritualidade; analisou o significado e a importância do termo religiosidade e espiritualidade, observou que a espiritualidade está presente na experiência de todo ser humano, em sua relação com os outros, com a natureza e com Deus.

Notou-se que a religiosidade – ritos, liturgia, templo e outros, pode guiar o adorador ao encontro da espiritualidade, pois ela arrebatava seguidores de ritos e de crenças para uma determinada denominação. Ressaltou-se também que pode haver aqueles que se agregam a uma igreja, tornam-se associados, têm aparência de piedade, falam do sagrado, possuem religiosidade casual, mas possuem espiritualidade medíocre. Embora a espiritualidade cristã nunca seja uma religião, é através dela que se desenvolve hábitos, comportamentos religiosos e obtém autêntica experiência com Deus.

Conteúdo complementar

BULLON, Alejandro. Crescimento espiritual. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=G8Qbw5CcD4I>. Acessado em 24 de fev/2025.

SPURGEON, C. H. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=vW65Tsrtq-Y>. Acessado em 24 de fev/2025.

WHITE, Ellen G. **Caminho a Cristo**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira.

UNIDADE 2 – PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA ESPIRITUALIDADE –

Parte I

Objetivos

- **Estudar os benefícios da devoção, da oração e do jejum para a espiritualidade;**
- **Analisar a influência do Espírito Santo na devoção cristã;**
- **Destacar alguns obstáculos para a espiritualidade.**

Esta unidade dois compreende um estudo descritivo e analítico acerca da devoção, da oração e do jejum, com base na Bíblia e outras fontes que oferecem relevante contribuição ao tema.

1. Devoção

A devoção tem sido considerada uma das maneiras em que o ser humano pode se identificar com o “ser cósmico” a quem pertence e adora. Nesta abordagem, o uso do termo “devoção cristã” é dissociado da devoção popular e transcendental, de origem oriental.

A devoção popular exige concentrar-se cada vez menos em coisas, inibindo os sentidos e esvaziando a mente; tudo isso sem perder o estado de alerta, ou seja, sem dormir. Cada religião tem sua versão dessa prática. Para o *hinduísmo*, a espiritualidade é vivida através de práticas que promovem a conexão com o divino. Isso inclui a meditação, o yoga e a realização de rituais religiosos. O *budismo* tem a devoção como um método de examinar a realidade pessoal e eliminar condicionamentos. O *islamismo* incorpora a devoção aos seus rituais, os quais incluem o êxtase místico por meio da dança.

GAMBETTA enfatiza que, para muitos, os valores espirituais estão na arte, na psicologia, na filosofia, nos ideais culturais, nas chamadas ciências do espírito. Estes valores, ainda que úteis para a vida intelectual e de relações humanas, carecem de uma dimensão que nos transcenda à Fonte de nossa existência.

Essa devoção popular parece funcionar como um meio de relaxamento que ajuda as pessoas a se sentirem mais tranquilas, menos deprimidas e com melhor qualidade de vida. Herbert Berson, da Harvard Medical School, atesta a capacidade da meditação popular para baixar o metabolismo do corpo, o ritmo cardíaco, o ritmo respiratório, a pressão sanguínea e reduzir as ondas do cérebro.

O perigo dessa devoção popular consiste em que os adeptos não sentem a necessidade de Deus e procuram encontrar uma vida de paz longe de Cristo, extraindo de si mesmos os recursos positivos que necessitam para melhorar.

Esse tipo de meditação pode levar a pessoa a sentir-se bem pela autossuficiência, ao invés de buscar a verdade e praticar a devoção pessoal para com Deus. De acordo com RICHARDS JR, um surto de devoção varreu o mundo na década de 1970. Os praticantes de vários tipos de meditação oriental declaram que a realidade só é alcançada quando a alma se liberta do corpo, sua prisão material. Assim, essa prática está associada à crença na imortalidade da alma humana.

Para a religião bíblica, em vez de esvaziar a mente para chegar à consciência cósmica, a devoção cristã consiste em suprir a mente com a vontade revelada de Deus.

Jesus mencionou a história do homem que se esvaziara do mal, mas não se encheu do bem: “Quando o espírito imundo sai do homem, anda por lugares áridos, procurando repouso; e, não o achando, diz: Voltarei para minha casa, donde saí [...] Então, vai e leva consigo outros sete espíritos, piores do que ele, e, entrando, habitam ali; e o último estado daquele homem se torna pior do que o primeiro” (Mt 12:43-45).

Portanto, a devoção oriental ou secular e a cristã proporcionam sensação de paz e propósito; porém, não alcançam os mesmos objetivos. Na oriental, o participante apenas esvazia de si e, na cristã, a pessoa esvazia-se de si e enche-se de Deus.

RYDZEWSKI comenta que a devoção que não põe Cristo como o centro da existência é vazia” e sem sentido. Portanto, desconhecer o valor da devoção cristã, é desconsiderar a importância da comunhão com Deus. As grandes

experiências com Deus são de Sua própria iniciativa. A parte humana é manter comunhão com o Senhor, obedecer-Lhe a voz e estar à Sua disposição, pois Ele conhece os propósitos para a vida humana.

Ao compreender as principais diferenças entre a devoção popular e a devoção a Deus, o próximo passo é aprofundar o conhecimento naquilo que Deus revelou como sendo a verdadeira espiritualidade.

Devoção e espiritualidade

A Bíblia relata que o homem foi o único ser criado neste planeta que recebeu a capacidade de manter comunicação racional com seu Criador (Gn 1:27). WHITE (2003) comenta que “os moradores do Éden muitas vezes eram visitados por Seus mensageiros, os santos anjos, e deles recebiam conselho e instrução. Outras vezes, caminhando pelo jardim com a fresca do dia, ouviam a voz de Deus, e face a face entretinham comunhão com o Eterno” (Gn 3:8).

De fato, Deus criou o homem com o propósito de desenvolver comunhão com Ele, assim como os anjos no Céu desfrutam desse relacionamento íntimo. WHITE (2003) acrescenta que “os anjos têm prazer em prostrar-se perante Deus” e “consideram a comunhão com Deus sua maior alegria”.

Alguns desses anjos advertiram o casal de que poderiam perder o magnífico lar se olvidassem a comunhão com Deus e dessem ouvido às maldosas insinuações de Satanás. Consequentemente, o pecado entrou neste mundo porque Adão e Eva não deram atenção a esta advertência (Gn 3:1-7).

Deus é o eterno captador do espírito humano e o ser humano sempre tem dependido da iniciativa divina. TURNER salientou que, em todo o drama cósmico de procura e de busca, sempre o homem cumpre o papel de fugitivo, e Deus o daquele que procura. Esse Deus que está sempre em busca do pecador, veio para dar esperança em meio à terrível tragédia do pecado.

Para que a humanidade pudesse reintegrar a espiritualidade interrompida pelo pecado e voltar a relacionar-se com Deus, foram instituídos alguns canais de comunicação. Ao dedicar uma porção de tempo para comungar com Deus por meio da oração, da meditação na revelação natural e, posteriormente, na

revelação sobrenatural (Bíblia) e em outros escritos inspirados, a mente humana entra em sintonia com a mente de Deus e há maior desenvolvimento espiritual.

WHITE ressaltou que Deus nos ordena encher o espírito com elevados e puros pensamentos. Deseja que meditemos sobre Seu amor e misericórdia, e estudemos Sua maravilhosa obra no grande plano de redenção. Então, nossa percepção da verdade tornar-se-á mais e mais clara, e nosso desejo de pureza de coração e clareza de pensamento mais elevado e mais santo. A alma que descansa na pura atmosfera de santa meditação será transformada pela comunhão com Deus mediante o estudo das Escrituras.

O termo “comunhão” no AT, significa literalmente “tomar parte” importante nas seguintes conexões: 1) *Entre o concerto de Deus e Seu povo* – a noção do pacto envolve a ideia de comunhão entre Deus e o homem; 2) *Entre Deus e indivíduos* – certos indivíduos mantinham um relacionamento mais íntimo com Deus. Moisés é destacado como alguém que se comunicava com Deus face a face. Sua comunhão com Deus era diferente dos demais profetas (Dt 34:10); e (3) *Entre Israel e Deus* (Jr 31:33-34).

No NT a palavra “comunhão” é a versão do grego “κοινωνία” (koinonia) e descreve o companheirismo do verdadeiro crente com Deus e de uns com os outros. A comunhão apresenta pelo menos três sentidos diferentes:

1) **Pelo novo nascimento** (Jo 3:1-12), sendo, dessa forma, restrita para aqueles que estão em Cristo (2Co 5:17);

2) **Na unidade espiritual entre o crente e Jesus Cristo e uns com os outros** (Jo 15:1-10; 17:21 e 23), consumada no permanente companheirismo com Deus e com o semelhante (Sl 73:23-26; Mt 8:11; Hb 12:22-24); e,

3) **Em participação mútua nas bênçãos materiais** (Rm 12:13; Gl 6:6).

Na dispensação cristã, a comunhão entre Deus e o homem foi estabelecida com um novo e profundo sentido, através da vida, morte, ressurreição e glorificação de Jesus (Mc 14:22-25, 1Co 11:23-26).

A igreja apostólica que Cristo estabeleceu enquanto esteve na Terra, passou a viver a dimensão vertical e horizontal da comunhão, e, em resultado desta prática, alcançou um crescimento qualitativo e quantitativo fenomenal (At 2:42-46; 1Tm 6:18; Hb 13:16).

Como o exemplo daqueles cristãos, nossa comunhão também se fortalece pelo uso dos dons espirituais (Mt 25:15), mas pode ser interrompida pela prática do pecado (1Co 5:1-7; 1Jo 1:6-10), pelo erro de conduta (2Ts 3:6-15) ou doutrina distorcida (1Jo 2:19; 2Jo 9-11).

Para evidenciar a importância do forte e duradouro relacionamento divino-humano no Antigo e Novo Testamentos, Deus não somente falou às Suas criaturas, mas também lhes deu sinais e símbolos, tais como o arco-íris (Gn 9:8-17), a circuncisão (Gn 17:1-14), o sangue do cordeiro pascoal (Êx 12), o pão e o vinho da Ceia do Senhor (Mc 14:22-25), o batismo (Rm 6:1-4), o sábado – estabelecido como sinal de propriedade divina (Ez 20:12), etc., que visavam fortalecer esse relacionamento.

Importância da Devoção

O propósito de Deus é viver, mover e existir em íntima associação com o crente sincero (At 17:28). É impossível não refletir o caráter de Deus e melhorar as ações, quando se permanece longo tempo em Sua presença. LLOYD-JONES (2002) alerta que um dos perigos a que estão expostos aqueles que acreditam na importância da doutrina, da teologia e da verdade divina, é esquecer que a salvação é uma questão de relacionamento pessoal.

A grande cilada reside em mudar-se de um relacionamento vivo com Jesus para uma ortodoxia morta. LLOYD-JONES (2002) assegurou que não se pode ser um cristão sem a ortodoxia, porém, apenas crer nas coisas certas não constitui salvação, porque a essência da salvação é o relacionamento com Deus.

Segundo FRONKE (1994), a medida que o homem conhece mais a Deus, o desejo de manter comunhão com Ele vai aumentando, e começa a entender que compensa dedicar-Lhe mais tempo diário para este objetivo.

Ações do Espírito Santo

O termo hebraico *Rûach*, que significa espírito, é uma super força, um super natural invadindo o natural, algumas vezes causando destruição, outras vezes, com extraordinário poder, habilitando pessoas, selecionando indivíduos para aumentar suas capacidades naturais, etc. José foi capacitado a interpretar o sonho de Faraó (Gn 41:38), Bazaleel foi cheio de habilidade, inteligência e

conhecimento para fazer o serviço do santuário (Êx 35:31-36:1), e Sansão recebeu poder para destruir os inimigos (Jz 13:25; 14:6, 19). O *Rûach* foi também responsável pela inspiração dos profetas (2Sm 23:2; 1Re 22:24; Is 61:1; Ez 11:5; Mq 3:8).

Por ocasião da ascensão de Cristo (At 1:8), os discípulos receberam a promessa da chegada do Espírito Santo para atuar na vida de cada ser humano e, de maneira especial, na vida dos cristãos. STOKES (1995) sugeriu cinco itens que o Espírito Santo cumpre na formação e nutrição da igreja em sua missão mundial:

- 1) *Une os cristãos numa comunidade de apoio, de oração e de fé;*
- 2) *Preserva a identidade e integridade do Evangelho;*
- 3) *Chama algumas pessoas para proclamar o evangelho;*
- 4) *Convida todos os cristãos para um viver responsável dentro da Igreja;*
- 5) *Chama todos os cristãos a se unirem na grande missão de evangelização mundial.*

De fato, o Espírito Santo entra misteriosamente em nossa vida para capacitá-la a crescer em espiritualidade com o Pai. A ordem de Paulo aos cristãos de Éfeso, “não vos embriagueis com vinho, mas enchei-vos do Espírito” (Ef 5:18), é válida para todos os cristãos, em qualquer época. Na língua grega, esta ordem transmite a ideia de ser continuamente enchido ou “encham-se e continuem se enchendo do Espírito de Deus”.

FROOM (1998) relata que, durante a era apostólica, conforme os triunfos da cruz continuaram (Mc 16:20), os templos pagãos se esvaziavam e os conversos se multiplicavam aos milhares. Ele acrescenta:

Sem dinheiro, os crentes derrotavam o poderio das riquezas ao seu redor; sem escolas, eles confundiam os letrados rabis; sem poder político ou social, mostravam-se mais fortes que o Sinédrio; não tendo um sacerdócio, desafiavam os sacerdotes e o templo; sem um soldado sequer, eram mais poderosos que as legiões romanas. E foi assim que eles fincaram a cruz acima da águia romana [...] Já no século quarto, a Igreja cristã havia transferido sua dependência do poder divino para os sorrisos da realeza e proteção de um trono terrestre. Passou, desde então, a depender de homens, métodos e dinheiro. Os ditames e a autoridade do Espírito foram ignorados, e a Igreja imergiu na meia-noite da Idade Escura. Em meio a apostasia desenvolveu-se na Igreja um sistema hierárquico, e ergueu-se a cabeça que usurpou o lugar do

Espírito Santo como vigário de Cristo, a ponto de assentar-se como se fosse o próprio Deus [...] Lentamente, durante os três últimos séculos, deu-se ao Espírito Santo o Seu devido lugar, até alcançarmos hoje o tempo da reforma completa e final, e da chuva serôdia.

A base da obra do Espírito Santo é sempre a da comunhão. O Espírito Santo procura-se associar e comungar conosco diariamente. A Igreja deriva sua autoridade do Espírito, mas o Espírito fala e opera por meio do povo que ora e se consagra. A igreja que tem autoridade para “ligar e desligar” (Mt 18:18) é uma igreja harmonizada em oração e reunida em torno do Seu nome.

Devoção através do Espírito Santo

Segundo BRIGHT (1996), o Espírito Santo utiliza quatro etapas diferentes para conduzir o homem a uma devoção pessoal com Deus:

1) *Etapa do amor* – a salvação é uma aceitação do amor de Deus, e essa virtude divina conduz o pecador ao arrependimento;

2) *Etapa da intimidade* – quando o homem se coloca a sós com Deus, nada tende a desviá-lo do seu intento de cultivar a comunhão com Ele. Intimidade não significa derramar perante o Senhor uma torrente de palavras bonitas; mas é um profundo anseio que nasce através do amor por Ele, num processo que se estende através de uma existência;

3) *Etapa do privilégio* – é na atmosfera da comunhão profunda que brota confiança. Havendo confiança, há a concessão do privilégio. O maior privilégio do crente é ter acesso a Deus, com a certeza de que Ele atenderá suas petições;

4) *Etapa da responsabilidade* – aquele que crê que Cristo está vivo e o redimiou, passa a fazer qualquer sacrifício para permanecer ao lado dele.

Deus, além de cuidar do ser humano, também atribui funções para que este possa executar. Não é só para satisfazer as necessidades que Deus concede o privilégio de conhecê-lo, mas também para que a pessoa possa retratá-lo corretamente ao mundo.

Seus recursos são inexauríveis e Sua força invencível. Porém, existem barreiras que impedem Sua atuação de forma completa. Ele pode ser inibido pela descrença, a ambição mundana, a vaidade, e o orgulho, e também pela atitude pessoal de não o priorizar, especialmente no tempo para a devoção

peçoal. De fato, nada existe que possa induzir tão eficazmente ao pecado como a quebra da comunhão com o Criador.

Estes são verdadeiros obstáculos à comunhão com Deus que serão tratados a seguir.

Obstáculos à Devoção

A humanidade encontra-se longe do ideal divino de honrar o Senhor através da verdadeira comunhão (Mt 1:6), evidentemente porque despreza Seus conselhos. Por conseguinte, observa-se uma superficialidade e um conseqüente declínio na espiritualidade, mesmo nas igrejas cristãs. Além da incredulidade que impera, muitos vivem agitados numa corrida sem fim, em meio às dificuldades que surgem, e não conseguem encontrar tempo para comungar com Deus.

TIPPIT (1990) identifica cinco obstáculos que podem bloquear a comunhão com Deus:

1) *O pecado*: O profeta Isaías escreveu que “as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus” (Is 59:2). Para se ter companheirismo com um Deus santo e puro, o homem precisa estar limpo diante dEle (Sl 24:3-4). A grande salvaguarda para nos libertar desta condição, encontra-se na disposição divina em eliminar nossos pecados pelo sangue de Cristo (Is 1:18, Ef 2:13 e 1Jo 1:7). Não existe tentação que não possa ser vencida e, para todas elas, Deus proporciona escape.

2) *O orgulho*: Orgulho é o ingrediente básico de todos os pecados, inclusive dele mesmo. Por causa do orgulho, a pessoa deixa de reconhecer Deus como a fonte de todo o bem e passa a achar que pode haver algum tipo de poder próprio para superar todas as coisas. A marca principal na vida do orgulhoso é viver como se Deus não existisse. Deus condena e afirma que destruirá o soberbo de coração (Pv 16:18-19).

3) *A religião sem um conhecimento experiencial de Deus*: Os escribas e fariseus, apesar de serem considerados religiosos, não tinham espiritualidade autêntica (Mt 15:8). Jesus fez várias advertências a essas duas classes de pessoas por levarem uma vida sem uma experiência viva com Deus (Mt 23:23-35).

4) *Relacionamento interpessoal indevido*: Não é possível manter um relacionamento de companheirismo com Deus, sem restaurar o relacionamento com o próximo, porque a comunhão envolve um relacionamento divino e humano (1Jo 4:19-21).

5) *Ocupação*: Muitas pessoas vivem tão ocupadas com coisas transitórias e materiais que não têm tempo para Deus. Ou então, têm uma agenda tão cheia de compromissos com a Obra de Deus, que se esquecem do Deus da Obra (Lc 10:41). Este ponto é muito importante e requer maior atenção.

Não sendo possível levantar de madrugada para ficar algum tempo com Deus, pode-se fazer em outro momento. Porém, se não houver prioridade para os momentos devocionais, a vida pode se tornar uma rotina sem significado para o crente. Entretanto, é imperativo, por amor à espiritualidade, uma vida de constante meditar. Isso será observado a seguir.

Aprendendo a meditar

1) Encontre um local tranquilo onde você não será interrompido. Jesus frequentemente meditava em meio à natureza; 2) Tome tempo para ficar tranquilo. Esse tempo tranquilo de preparação é um meio de silenciar toda tagarelice sem sentido na sua cabeça; 3) Passe tempo em oração, pedindo ao Espírito Santo para guiá-lo e preencher sua vida com a presença de Jesus.

4) Leia a passagem da Escritura que você escolheu para o seu momento de meditação. Leia-a várias vezes lenta e cuidadosamente. Permita à sua imaginação apoderar-se da cena. Esteja aberto para o que Deus quiser ensinar-lhe; 5) Depois do seu momento de meditação, escreva suas experiências e as lições que Deus lhe tem ensinado. Pense em meios de aplicar as lições que você tem aprendido à sua vida diária.

Manter um diário de oração lhe dará um tempo adicional para refletir sobre a experiência da meditação e lhe proverá ânimo nos dias posteriores, ao revisar o caminho pelo qual Deus tem lhe guiado.

2. Oração

A teologia bíblica acerca oração enfatiza a necessidade humana de estar numa relação salvífica com Deus. SPURGEON disse que “a verdadeira oração não é um mero exercício mental, nem uma apresentação vocal, mais é algo muito mais profundo do que isso. É comunhão espiritual com o Criador dos céus e da terra”. Dessa forma, a oração torna-se um diálogo com Deus, e por esse meio o ser humano pode expressar pessoalmente seus sentimentos ao Criador.

Há muitos episódios no Antigo e Novo Testamentos onde a oração foi utilizada: Abraão orou pelos seus e obteve a promessa de uma descendência, como as estrelas do Céu (Gn 15:2-6); intercedeu pelos habitantes de Sodoma e Deus retirou Ló dali, antes que tudo fosse destruído (Gn 18:22, 23, 19:29); Jacó lutou com Deus, seu nome foi mudado e sua vida foi salva (Gn 32:24-32); Ana, sendo estéril, orou para ter um filho e Deus atendeu-lhe a petição (1Sm 1:10-18 e 26-28).

Salomão clamou por discernimento para julgar o povo e o Senhor concedeu-lhe coração sábio, de maneira sem igual (1Re 3:6-14); Elias orou para que o filho da viúva de Sarepta ressuscitasse e o menino tornou a viver (1Re 17:20-24); Daniel reuniu-se aos amigos para orarem por entendimento e Deus em visão revelou-lhe os mistérios até os últimos dias (Dn 2:12-19); Jonas orou no ventre do grande peixe e este o vomitou na terra (Jn 2:1-10); a igreja orou por Pedro na prisão e um anjo do Senhor o libertou (At 12:5-7); e Pedro orou por Dorcas, que estava morta, e ela foi ressuscitada (At 9:36-42).

Formas de orar

Uma oração pode ser feita em qualquer lugar e em qualquer momento, pois é a ligação mais íntima entre o ser humano e Deus. No entanto, existem duas ocasiões específicas em que a oração pode e deve ser feita:

a) *Em particular*: momento onde a pessoa ora sozinha;

b) *Em público*, quando está na presença de uma ou mais pessoas. Para estas ocasiões, existem várias formas de se erguer uma prece a Deus: ajoelhado, em pé, com os olhos fechados, abertos, em meio a uma atividade cotidiana, etc.

Outro aspecto a ser analisado é a quem deve ser dirigida nossa oração. Jesus disse certa vez: “E tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim

de que o Pai seja glorificado no Filho” (Jo 14:13). Quando Ele recomenda a seus discípulos que orem em Seu nome, significa que eles devem orar em, por, com a ajuda de, ou, por meio de Jesus. Orar em nome de Jesus significa ter plena convicção da grande obra realizada por Ele.

Para BLOESCH, orar em nome de Cristo significa orar com a consciência de que nossas orações não têm valor ou eficiência à parte do Seu sacrifício reconciliatório e mediação redentora; significa apelar ao sangue de Cristo como fonte de poder para a vida de oração; significa reconhecer nosso completo desamparo à parte de Sua mediação e intercessão”.

Dentro de alguns contextos específicos, algumas orações devem ser realizadas de forma diferentes. Por exemplo, enquanto a prece é oferecida, num culto de adoração, a congregação expressa reverência e humildade na presença de Deus permanecendo ajoelhada. WHITE (1996) recomendou: “Quando vos reunis para adorar a Deus, não deixeis de vos prostrar de joelhos diante dele. Que esta ação testifique de que toda a alma, e corpo e espírito estão em sujeição ao Espírito de verdade”.

Por outro lado, encontram-se na Bíblia diferentes posturas ao orar:

1) *De joelhos*: Daniel orava ajoelhado três vezes ao dia (6:10); Estevão prostrou-se ajoelhado, e falava com o Senhor pouco antes de ser apedrejado (At 7:60); Pedro ajoelhou-se diante do corpo de Tabita, orou em favor dela e a vida foi-lhe restituída (At 9:40). Ajoelhar-se era a expressão ritual da entrega sem reservas, do suplicante a Deus.

2) *Em pé*: Ana e Jó oraram ao Senhor estando em pé, e o Senhor lhe respondeu (1Sm 1:20; Jó 30:20). A nação de Judá orou ao Senhor em pé quando estava prestes a ser invadida (2Cr 20:5, 13); Jesus condenou o orgulho dos judeus, não a prática de orar em pé (Mt 6:5). Estar em pé, em oração, significa reconhecer a Deus como Rei do Universo.

3) *Assentado*: O salmista Davi orou ao Senhor assentado (2Sm 7:18).

4) *Deitado*: A Bíblia relata casos de pessoas que oraram estando na cama (Sl 4:4; 63:6; 1Re 1:47). Orar estando deitado no leito, enfatiza um ato secreto da devoção, e é uma oportunidade de se meditar na bondade do Senhor e aproximar-se dele.

5) *Prostrado*: Esta é uma expressão de homenagem e submissão diante do Ser superior (1Re 1:47; Mc 14:35).

Como observado, não há uma postura particular e exclusiva exigida dos adoradores quando se dirigem ao Senhor – o ato em si não indica que aquele que está ajoelhado será mais reverente que alguém que não possa ajoelhar-se.

A pessoa incumbida de dirigir a oração pública deve ter sempre em mente que está representando a todos. Em vez de usar o pronome pessoal “eu”, deveria usar “nós”; tudo deve ser no plural, tornando assim a oração congregacional. Da mesma forma, a linguagem floreada é dispensável, seja para a petição no púlpito, no círculo da família, ou em particular, para que os outros possam entender o que está sendo dito e unir-se à petição. Longas e fastidiosas orações são inadequadas em qualquer parte, e, especialmente, na reunião de oração.

Também há diferentes maneiras de se utilizar o tempo em oração. JACOBSEN (1998) enuncia que é importante gastar o tempo como Maria fez (Lc 10:41, 42). Ela sentou-se aos pés de Jesus, aprendendo e tendo a Ele como Senhor. A estrutura da oração pode envolver adoração, confissão, gratidão e súplica. Cada parte, quando usada em contrição, traz rico tempo de transformação em sua presença.

HALLESBY (1990) classifica as formas de oração de acordo com seu propósito específico:

1) *Prece suplicatória* ou *peticionária*: É a atitude de voltar-se para Deus no intento de receber alguma coisa. A vontade de Deus é que Ele seja procurado de modo espontâneo e confiante. Que a Ele seja comunicado todos os desejos do coração, da mesma maneira como os pais humanos querem que seus filhos os procurem sem constrangimentos, e os informem das coisas que gostariam de ter. Se por algum motivo, Deus não puder conceder aquilo que foi pedido, Ele fará o que Jesus fez aos filhos de Zebedeu (Mt 20:20-23) e a Paulo (2Co 12:7-10): falará com ternura e simpatia, até que se compreenda que Ele não pode atender ao pedido.

2) *Prece congratulatória*: Ocorre em função das inúmeras razões diretas e indiretas para se agradecer a Deus (Ef 5:20). Jesus mostrou grande apreço pela gratidão, ao mencionar a atitude daquele leproso que foi curado e que retornou

para agradecer (Lc 17:11-19), em contraste com a dos demais que não fizeram o mesmo. A impressão causada em Jesus nota-se por meio de sua pergunta: “Não foram curados, porventura, os dez? Onde estão os outros nove?”

3) *Prece de louvor e as ações de graças*: Elas são *afins*, pois visam exatamente dar glória a Deus. Jesus possuía o hábito de pronunciar palavras de graça ou louvor: “Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos” (Mt 11:25).

4) *Prece conversada*: Ocorre quando o crente entretém com Deus um diálogo mais amplo, tanto mais rica é a comunhão que experimenta com o interlocutor.

5) *Prece inarticulada*: É a atitude para com Deus, às vezes expressa em palavras, outras vezes sem elas, onde se demonstra uma familiaridade com Deus. Seja como for, retirar-se para orar em secreto é talvez o tipo mais vital de oração a que alguém pode-se dedicar. MELLOR (1970) destacou que a prece privada todos têm o privilégio de orar pelos semelhantes de maneira específica, citando nomes e necessidades.

O poder da oração

Sobre a influência da prece, YANCEY (2007) tece as seguintes indagações: Deus está ouvindo? Por que Deus se interessaria por mim? Se Deus sabe de tudo, por que orar? A oração realmente ajuda na cura física? Por que Deus, às vezes, parece tão próximo e outras vezes tão distante? A oração faz Deus mudar de ideia ou muda a mim mesmo? Se a oração é o lugar em que Deus e os seres humanos se encontram, então por que não aprender sobre a oração?

Inegavelmente, a oração é de valor indescritível porque trata de um relacionamento de grau infinito com um Ser que também é infinito. A oração liberta a pessoa do temor (Sl 118:5,6), dá força espiritual (Sl 138:6), orienta e santifica (Is 58:9-11); dá sabedoria e entendimento (Dn 9:20-27), livra do mal (Jl 2:32), traz recompensa (Mt 6:6), abre caminho para a recepção do Espírito Santo no coração (Lc 11:13), proporciona plenitude de alegria (Jo 16:23, 24), traz paz (Sl 22:6) e plenitude espiritual (Ef 3:19), livra da ansiedade (1Pd 5:7), habilita a fim de receber poder para vencer a Satanás (At 1:8 e Ef 6:12-17). Os recursos humanos não são

suficientes para obter êxito nesta guerra espiritual, mas o inimigo não pode suportar o som de fervorosas súplicas ascendendo ao trono de Deus.

PEALE ressaltou que “o poder da oração parece capaz até mesmo de normalizar o processo de envelhecimento, evitando ou limitando as enfermidades e o desgaste físico”. Uma vida de oração é muito importante aos olhos de Deus, pois Seu maior desejo é ter todos ligados a Ele, em Seu círculo íntimo, assim como estiveram os profetas e apóstolos.

A oração tem sido a arma sobrenatural para obter vitória. Quem a negligencia, mais cedo ou mais tarde poderá definhar espiritualmente. Segundo BURNE (1980), aquele que não ora, passa a pensar, sentir e falar cada vez menos sobre Cristo e as coisas celestiais, porque a vida cristã é um reflexo da vida de oração.

Aqueles que deixam as mais profundas impressões neste mundo amaldiçoado pelo pecado, são os homens e mulheres de oração. A Bíblia mostra, diversas vezes, que a oração sincera é importante para aquele que ora, para outros por quem se ora, e para o mundo em geral, como será observado a seguir.

Oração intercessora

A oração intercessora é questão importante (Hb 10:25). Com frequência, Jesus orava em favor das pessoas e o resultado pôde ser visto na vida de seus discípulos e de quem Ele orava.

O crente também se torna um intercessor quando é tomado de um sentimento de empatia pelas necessidades e sofrimentos do próximo. O apóstolo Tiago recomenda: “[...] orai uns pelos outros [...]” (5:16). WALDVOGEL (1977) acrescentou que se a pessoa se sente infeliz ou as coisas lhe parecem difíceis, deve deixar de orar por si mesma e passar a orar por outras pessoas, pois aqueles que buscam a graça de Deus em favor de outros, estão se unindo com Jesus na obra de intercessão.

FINLEY sugere que se separe períodos de tempo específico, lugar privativo, e que se escolha pessoas específicas para este ministério de intercessão, assim como Jesus fazia. O Senhor falou a Pedro: “Eu, porém, roguei

por ti, para que a tua fé não desfaleça” (Lc 22:32). O livro de Hebreus descreve Jesus vivendo sempre para interceder pelas pessoas (Hb 7:25).

A oração intercessora pode resultar em maior sabedoria e poder (Ef 1:15-19), pode fortalecer o homem interior, encher o coração com a plenitude do amor de Deus e proporcionar uma vida com frutos de justiça (Fl 1:9-11). Ela também resulta num viver pacífico, piedoso e respeitável em todos os sentidos (1Ts 3:10-13), além de tornar eficaz o partilhar da fé (Fm 6).

Uma rápida oração por alguém pode acontecer mesmo andando pela rua, em viagem ou conversando. Todo tempo ocioso pode ser usado para elevar preces para o alto. A frequente oração feita por Daniel e seus amigos resultou em eficácia para eles próprios, para os sábios da corte, para o rei Nabucodonosor, alcançando até o mundo contemporâneo (ver Dn 2).

O exemplo máximo de oração intercessora foi Moisés intercedendo pelos israelitas idólatras (Êx 23:34) e Jesus orando por Seus algozes: “Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem...” (Lc 23:34). Isso indica que o cristão também precisa levar os problemas do próximo diante de Deus, como um filho traz as necessidades do próprio irmão diante do pai.

Condições para a oração ser atendida

Para PETERSON (1997), orar não consiste apenas em pedir e receber, pois o maior interesse de Deus é que o cristão O conheça como Pai e confie nEle, e não apenas O tenha como um Ser poderoso que atende as orações.

No entanto, é necessário que algumas condições sejam preenchidas para que a oração possa ser atendida: 1) *Sentir a necessidade do auxílio divino*: Os que têm fome e sede de justiça e anelam por Deus, podem estar certos de que serão satisfeitos; 2) *Ter fé*: Se chegarmos a Deus, convencidos de nosso desamparo e dependência, tais quais somos, e com humilde e confiante fé fizermos conhecidas nossas necessidades, Ele pode atender e atenderá o nosso clamor, e fará a luz brilhar em nosso coração”;

3) *Ser perseverante* (Cl 4:2): A oração deve ser ininterrupta, de maneira que a vida de Deus flua para a vida humana, fazendo com que todo o ser alcance a pureza e a santidade; 4) *Sentir que Deus está presente*. Deve haver um conhecimento inteligente de como se aproximar de Deus em reverência e piedoso temor;

5) *Não ser hipócrita*: “E, quando orardes, não sereis como os hipócritas; porque gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos dos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa” (Mt 6:5).

A oração nunca deve ser proferida como demonstração da superioridade religiosa. CHAMPLIN (2002) comentou que, no tempo de Cristo, as autoridades profanavam a prática religiosa, transformando-a em peça de teatro, chegando ao cúmulo de atrair multidões que aplaudiam o espetáculo.

6) *Não usar de vãs repetições*: “E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque presumem que por seu muito falar serão ouvidos” (Mt 6:7). 7) *Não guardar mágoa contra ninguém*: “Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai Celeste vos perdoará” (Mt 6:14, 15).

Obstáculos à oração

SWINDOLL (1985) destacou que o povo, judeu no tempo de Jesus, buscava as instruções religiosas dos líderes das sinagogas porque eram homens que diziam ter elevada crença na oração. Afirmavam: “Quem ora no interior de sua casa está cercado-a de uma muralha mais forte que o ferro”. Infelizmente para este povo e seus líderes, a oração deixará de ser um privilégio, para ser uma obrigação; de ser um gozo, para ser uma exigência; de ser uma experiência íntima, para ser um formalismo vazio.

Naqueles dias, havia orações para cada ocasião e circunstância. Entretanto, as preces eram formais e não refletiam o sentimento de quem estava orando, mais parecendo uma rotina pré-programada. A oração se tornara num discurso formal, um ritual, em vez de uma expressão livre do indivíduo.

SWINDOLL (1985) acrescentou que havia momentos determinados para a oração e também lugares certos para se orar, sendo que a maioria das pessoas

preferia ir às sinagogas. Jesus não condenou a prática da oração, mas sim, esses costumes e tradições que apenas impediam o crente de ter um relacionamento pessoal com Deus.

Outro tipo de oração que não pode ser atendida é aquela feita por pessoas que tentam convencer ou manipular Deus, para que Ele atenda a uma necessidade específica. Essa oração presume que a criatura conhece suas necessidades muito mais do que o Criador. Para quem pede com orgulho e arrogância, a oração torna-se vazia e sem sentido.

Outros obstáculos que impedem que as orações sejam atendidas, podem ser: Pecado(s) na vida, amor ao mundo, problemas de relacionamento com o próximo, falta de união na igreja, incerteza da salvação, ausência da comunhão diária, prática negativa da religião, atitude irreverente com as coisas santas, falta do senso da presença de Deus e dos anjos na vida, absorção e cuidados exagerados com as coisas materiais e seculares, indisposição para o culto, espírito de vaidade e ostentação etc.

Mesmo orando com sinceridade, um suplicante poderá não obter uma pronta resposta. Por vezes, Deus age dessa forma, visando tão somente fortalecer o caráter do cristão, sua fé e perseverança. Quando uma pessoa não sente a resposta de Deus, o inimigo a faz imaginar que o Senhor a abandonou. Porém, a resposta de Deus está de acordo com o Seu propósito para a vida de cada um. Os caminhos de Deus ultrapassam os sentimentos humanos, e a fé deve estar em Deus e não na resposta recebida.

Hábitos de oração de Jesus

Nenhuma outra vida já foi tão assoberbada de trabalho e responsabilidade como a de Jesus; todavia, sempre estava em oração! (Mc 1:35; Lc 5:15-16; Lc 6:12; Lc 11:1). Enquanto andava entre os homens, muitas vezes, entregava-Se à oração. Sua humanidade tornou a oração uma necessidade e privilégio. Encontrava conforto e alegria na comunhão com o Pai.

Jesus desenvolveu um estilo intensamente natural e pessoal de oração: “E aconteceu que, ao ser todo o povo batizado, também o foi Jesus; e, estando Ele a orar, o céu se abriu” (Lc 3:21); “Ele, porém, se retirava para lugares solitários

e orava” (Lc 5:16); “Naqueles dias, retirou-se para o monte, a fim de orar, e passou a noite orando a Deus” (Lc 6:12); “Então, Jesus clamou em alta voz: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito! E, dizendo isto, expirou” (Lc 23:46).

Esse modo de Jesus se relacionar com o Pai deve ser seguido por todos os Seus discípulos, pois assim se usufrue do poder para vencer o mal.

As orientações de Cristo a seus seguidores, em relação aos momentos de oração (Mt 6:6), destaca que o adorador deve se desligar completamente das atividades corriqueiras e das atenções mundanas para concentrar-se no contato pessoal com o Pai.

3. Jejum

O jejum é a abstinência total ou parcial de alimentos por um período definido e propósito específico. Pode ser com finalidade espiritual ou medicinal. Embora não exista na Bíblia uma ordem para jejuar, exceto no Dia da Expição (Lv 6:29-31), ela faz diversas menções acerca do jejum. Fala de pessoas que jejuaram e da forma como o fizeram, e infere que nós também devemos jejuar da forma correta.

Jesus disse que o Pai recompensaria a atitude correta do jejum, mostrando-nos que tal prática produz resultados. Além dEle próprio ter praticado o jejum, os apóstolos e Pais da igreja também observavam essa prática. O jejum, portanto, deve ser parte de nossa vida e praticado de forma equilibrada, dentro do ensino bíblico.

Propósitos do jejum: O jejum não muda a Deus, pois Ele é o mesmo antes, durante e depois do nosso jejum. Mas, jejuar muda a cada um de nós. Vai nos ajudar a manter mais suscetível ao Espírito de Deus e nos ensinar a controlar os apetites. Ele também é um treinamento para vencer as tentações e ensinar-nos a depender totalmente de Deus. O jejum faz-nos perceber o caráter ofensivo do pecado e humilharmos o coração diante de Deus e receber o Seu perdão.

Com o organismo livre das toxinas, a mente fica livre para maior comunhão com Deus. Como o cérebro não estará ocupado com o metabolismo do corpo, a mente pode ficar ligada nas coisas eternas.

No AT e NT encontramos diferentes propósitos para o jejuar:

a) *Consagração*: O voto do nazireado envolvia a abstinência/jejum de determinados tipos de alimentos (Nm 6:3 e 4);

b) *Arrependimento de pecados*: Samuel e o povo jejuaram em Mispa, como sinal de arrependimento de seus pecados (1Sm 7:6 e Ne 9:11);

c) *Luto*: Davi jejuou em expressão de dor, pela morte de Saul e Jônatas, e depois pela morte de Abner (2Sm 1:12 e 3:35);

d) *Aflições*: Davi jejuou em favor da criança que nascera de Bate-Seba, que estava doente, à morte (2Sm 12:16-23);

e) *Buscando proteção*: Esdras proclamou jejum, pedindo a proteção e benção de Deus sobre sua viagem (Ed 8:21-23). E a rainha Ester pediu que seu povo jejuasse por ela (Et 4:16);

f) *Em situações de enfermidade*: Davi jejuava e orava por outros que estavam enfermos (Sl 36:13);

g) *Intercessão*: Daniel orou por Jerusalém e seu povo (Dn 9:3; 10:2 e 3);

h) *Preparação para a batalha espiritual*: Jesus mencionou que determinadas castas só sairão por meio de oração e jejum, pois trazem um maior revestimento de autoridade (Mt 17:21);

i) *Estar com o Senhor*: Ana ficava no templo, orando e jejuando frequentemente (Lc 2:37);

j) *Preparar para o ministério*: Jesus só começou Seu ministério depois de ter sido cheio do Espírito Santo e se preparado em jejum prolongado no deserto (Lc 4:1 e 2).

Como observado, o relato mostrou que o jejum exerce importância fundamental na vida do povo de Deus, principalmente quando enfrenta grandes provas ou possui uma elevada missão.

Não seria conveniente escolher um dia da semana ou do mês para jejuar e orar pelos doentes, pela família, pelo trabalho, pelos interessados e outros? O jejum alcança resultados elevados, quando praticado em espírito de entrega irrestrita a Deus.

Você já se propôs em envolver mais na Obra do Senhor por meio de oração e jejum?

Considerações finais

Nesta unidade 2, observou-se que a devoção, a oração e o jejum possuem benefícios fundamentais para a espiritualidade. Foi dado destaque às ações do Espírito Santo, que são imprescindíveis para obtenção de resposta às orações. Também se notou que há obstáculos impeditivos, como o pecado, o orgulho, a religião sem um conhecimento experiencial de Deus e outros, que podem interromper as orações.

Analizou formas de orar, o poder da oração, e, em especial, a oração intercessora. Jesus, que, sendo o Salvador dos homens, o Filho de Deus, possuía hábitos de oração sentia a necessidade de orar. Isso faz-nos pensar que, quanto mais devemos nós, pecaminosos mortais que somos, sentir a necessidade de fervente e constante devoção, oração e jejum!

Hora de rever

O estudo desta unidade, por ser tratar da devoção pessoal, numa visão cristã, da oração e do jejum, buscou ressaltar hábitos que ajudarão no crescimento da espiritualidade. Deus criou o homem com o propósito de desenvolver comunhão com Ele e desconsiderar esses hábitos, é desconsiderar a importância da comunhão com o Criador.

Ao dedicar uma porção de tempo para comungar com Deus por meio da oração, do jejum, da meditação e outros escritos inspirados, a mente humana entra em sintonia com a mente de Deus e há maior desenvolvimento espiritual.

Vale ressaltar que Jesus exemplificou um estilo intensamente natural e pessoal de comunhão com o Pai, o que nos serve de modelo.

Este tema mostrou que a medida que se aprende a arte da oração e se estende raízes profundas na devoção a Deus, encontrará mais refrigério para a alma. Porém, apenas a oração e o jejum não preenchem todas as necessidades espirituais. O estudo da Palavra de Deus e a administração do tempo são fundamentais para o crescimento da fé. Isso será analisado na unidade três.

Conteúdo complementar

MÜLLER, George: “50 Mil orações respondidas”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=byDglQCoQj4>>. Acessado em: 25 de fev/2025.

UNIDADE 3 – PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA ESPIRITUALIDADE – Parte II

Objetivos

- Analisar a importância do estudo da Bíblia para o crescimento na espiritualidade;
- Destacar método eficaz para a leitura da Bíblia;
- Verificar a administração do tempo como alternativa para fortalecer a espiritualidade.

Por meio das Escrituras Deus se revela ao ser humano para que este não permaneça em trevas. Conceitos, informações e conteúdo de valor permanente são comunicados através dela. Salientando a robustez da Bíblia, o autor de Hebreus ressalta: “A palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, e penetra até à divisão da alma e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração” (4:12).

Considerando a Bíblia um conteúdo escrito por Deus a Seus filhos, no estudo a seguir tratar-se-á da importância de sua leitura, de razões, dicas e método para o estudo. Também ressaltará a administração do tempo como fator essencial para crescer na devoção à Palavra de Deus.

1. Veracidade da Bíblia

A Bíblia é o livro inspirado por Deus (2Tm 3:16), escrita pelos homens (2Pe 1:21), concebida no céu, nascida na terra, odiada no inferno, pregada pela igreja, perseguida pelo mundo e crida pelos eleitos. CALVINO descreveu que a Escritura é a escola do Espírito Santo, na qual nem se tem deixado de pôr coisa alguma necessária e útil de conhecer, nem tampouco se ensina mais do que o que é preciso saber.

LOPES (2002) identifica três razões para a veracidade da Bíblia:

1) *Sua unidade na diversidade*: É o único livro da humanidade que demorou cerca de 1.600 anos para ser escrito. Foi escrito por cerca de 40 autores,

compostos de homens de diferentes lugares e culturas como Moisés, Salomão e Paulo, de vida palaciana, como Isaías e Daniel e de homens simples, como o boieiro Amós e o pescador Pedro. Eles escreveram para pessoas de diferentes línguas e épocas, mas dentro de uma absoluta concordância e harmonia de conteúdo.

2) *O cumprimento das profecias*: As Escrituras contam a história antes de acontecer. Nenhum futurólogo poderia prever, com precisão, aquilo que ela registrou há mais de dois mil anos. Deus vê o futuro agora, e conhece o amanhã como se fosse hoje.

3) *O poder da Bíblia para transformar as pessoas*: Quando o homem lê a Bíblia, é lido por ela. Ela é lâmpada que clareia a escuridão do coração e lança luz na estrada da vida. O mesmo sopro que a inspirou, é o sopro que dá vida ao homem que está morto em seus delitos e pecados.

Para LOPES (2002), a Bíblia é o livro dos paradoxos: é o livro mais lido e o mais desconhecido, é o mais amado e o mais odiado; o mais obedecido e o mais escarnecido; o mais pregado e o mais combatido. É o livro mais publicado, mais distribuído e mais comentado do mundo. Ela tem sido o farol que revela o coração amoroso de Deus; e nela os céus e a terra se abraçam, o infinito toca o finito, o eterno invade o temporal e o divino e o humano se encontram. É o livro que foi, muitas vezes, acorrentado, mas trouxe libertação. Foi, muitas vezes, queimada nas fogueiras, mas tirou muitas vidas das chamas do inferno.

Para que a Bíblia tenha real significado para nossa espiritualidade e seja uma verdadeira história do amor de Deus para nós, ela deve ser lida, estudada e meditada de capa a capa. Entretanto, há como distinguir razões para lê-la, estudá-la e meditar nela?

Razões para a leitura, estudo e meditação na Bíblia

Ler e estudar a Bíblia, e nela meditar, ocupam um lugar muito importante para fortalecer a espiritualidade. As pessoas que, diariamente, separam tempo para este fim, obtêm forças espirituais e crescem no favor de Deus. Por outro lado, existem aqueles que desprezam estes preciosos momentos; por isso, em todas as idades precisa haver motivação para este propósito (2Tm 3:15).

Além de fortalecer para a vitória nas lutas espirituais diárias, há, segundo o apóstolo Paulo, três fortes razões para se estudar a Bíblia e nela meditar:

- 1) *Ela leva o leitor a encontrar a Jesus e ganhar a salvação.*
- 2) *Ela faz crescer espiritualmente* em capacidade para servir a Deus.

3) *Ela ensina o que é útil e construtivo.* A Bíblia é um eficiente meio para promover o crescimento espiritual, através do ensino, da repreensão, da correção e da educação na justiça (2Tm 3:15-17).

A Bíblia é um livro que confunde qualquer sábio; porém, buscada em oração, até uma criança pode entendê-la (1Co 1:20). Segundo ALTMAN (2005), em meio à grande quantidade de livros seculares e religiosos existentes, a Palavra de Deus responde às inquietações, de forma a dar sentido à vida humana, e conduz a pessoa a Cristo.

Segundo JALICS (1981), uma pessoa pode abrir a Bíblia com três razões diferentes: lê-la, estudá-la ou nela meditar. Para ler, toma-se um texto e faz-se uma leitura corrida, como se lê qualquer outro livro. No estudo, ao contrário, aprofunda-se mais e conduz a um maior conhecimento; para tanto, emprega-se artigos, livros, dicionários e enciclopédias condizentes com o texto em estudo.

MACDONALD (1976), valida esse ponto sugerindo que se recorra a informações linguísticas, arqueológicas e exegéticas; nesse caso, pode-se chegar até à investigação do fundo cultural e análise da intenção e estilo do autor. Assim, esclarece-se um texto com outros, nos quais se trata de algo parecido ou do mesmo tema, visto de ângulo diferente (Is 28:10 e 13).

A meditação nas Escrituras se efetiva quando uma passagem bíblica é personalizada, fazendo com que ela se torne uma palavra viva no coração da pessoa. Deve haver um desejo de descobrir a verdade e aplicá-la à vida diária. O momento de meditar na Bíblia deve ser diferente daquele dedicado a estudos técnicos de palavras, ou análise, ou mesmo de reunião de materiais.

A leitura e o estudo da Bíblia buscam compreendê-la, ao passo que a meditação leva a sentir a mensagem. No estudo domina a inteligência, ao passo que a meditação enche o coração. O estudo objetiva analisar a mensagem da Bíblia, a meditação toca pessoalmente e ilumina a vida. O ideal é fazer com que a leitura e o estudo se transformem em meditação que fortaleça a espiritualidade.

Métodos para o estudo da bíblia

Um método adequado para o estudo da Bíblia deve incluir a escolha de uma boa versão, isto é, que seja fiel ao texto original. Existem várias, sendo que a mais usada por evangélicos é a de João Ferreira de Almeida, cujo texto do AT, devido ao falecimento do tradutor, foi completado por missionários dinamarqueses e publicado em dois volumes, em 1753 e num único volume em 1819; o NT ficou pronto em 1861.

Para um método criterioso de reflexão na Bíblia, recomenda-se a estruturação de um plano regular de estudo, por exemplo, livro por livro, com a consulta a bons comentários.

Outro fator indispensável para o estudo da Bíblia é o respeito aos princípios corretos de interpretação. O estudante deve lembrar que a Bíblia é sua própria interprete, e, na apreciação de determinada passagem, dará preferência ao sentido mais simples e óbvio, observando bem a gramática, a construção das sentenças, e o sentido das palavras.

Deve levar em consideração o contexto histórico e literário, e nunca impondo à passagem o parecer humano. Agindo assim, o estudante jamais chegará a uma conclusão que contraria o ensino bíblico como um todo.

Este item é por demais importante, pois quando alguém, mediante uma abordagem inconveniente, perverte o ensino da Bíblia, fá-lo para sua própria condenação (2Pe 3:15 e 16; Ap 22:18 e 19).

Segundo HOLMES (1995), a voz de Deus continua falando através de Sua Palavra, mesmo neste tempo em que correntes de leitura de baixo nível moral e espiritual reclamam ser ouvidas. Este autor acrescentou que enquanto houver seres humanos nesta Terra, Deus, em Sua bondade, procura elevá-los por meio de Sua Palavra revelada.

Outro princípio fundamental para fortalecer a espiritualidade trata-se da correta administração do tempo.

Dicas para ler a Bíblia

A leitura da Bíblia, o exame crítico de seus temas, ensaios escritos sobre tópicos capazes de desenvolver a mente e comunicar conhecimento, será de efeito revigorador sobre as faculdades mentais. A familiarização com as Escrituras aguça o discernimento, fortificando a alma contra os ataques de Satanás.

No estudo diário, o método de estudar versículo por versículo é, com frequência, de muita utilidade. WHITE (2000) recomendou: Tome o estudante um versículo, e concentre seu pensamento em descobrir o pensamento que Deus para ele pôs naquele versículo, e então ocupe-se com esse pensamento até que dele se aproprie. Uma passagem assim estudada até que sua significação se torne clara é de mais valor que o manuseio de muitos capítulos sem qualquer propósito definido em vista e sem uma instrução.

FOSTER (2000) também sugeriu que o leitor tome um simples acontecimento, como a ressurreição de Cristo, uma parábola ou um verso e reflita bastante nele. Busque viver a experiência deste texto, entrando na história como um participante ativo e imaginando que o acontecimento do passado seja uma experiência viva no presente.

O segredo da espiritualidade é descobrir a mensagem que uma passagem bíblica tem por meio de uma leitura desapressada, em que se leia o texto por mais vezes, até que sua mensagem se personalize na mente. Em seguida, imagina-se a cena que está sendo descrita, e se houver distração, volte-se à passagem, para que tome vida outra vez.

No começo, pode surgir a tentação de continuar lendo a passagem seguinte, porque o primeiro texto ainda parece não dizer nada, mas não se deve avançar até que o significado do texto no qual se medita tenha cristalizado na mente e causado impressão na alma. Um estudo devocional da Bíblia requer o mais diligente esforço e a mais perseverante meditação, porque os mais valiosos ensinamentos de Deus não são obtidos com estudos ocasionais ou fragmentados.

É válido perguntar: há em minha vida, em meu ambiente, situações ou acontecimentos parecidos? Dirijo-me a Jesus Cristo, sinto-me iluminado e isto me permite uma conversação com Ele? O conhecimento de Deus não é obtido sem esforço mental. Devemos estudar diligentemente a Bíblia, pedindo a Deus

que nos dê a ajuda do Espírito Santo, para que possamos compreender Sua Palavra.

Precisa resistir à tentação de examinar, superficialmente, muitas passagens ao mesmo tempo. A pressa reflete o nosso estado interior e isto deve ser vencido, porque a meditação depende de profundidade e não de velocidade da leitura.

Antes de orar, rogue pela iluminação do Espírito Santo (João 16:12-14). BUCKINGHAM (1983) salientou que a pessoa “precisa do Espírito Santo para ajudá-lo a entendê-la e interpretá-la”. Um verdadeiro conhecimento dela só pode ser obtido pelo auxílio do Espírito Santo.

2. Administração do Tempo

Deus é revelado em Sua Palavra como criando e agindo no tempo. As palavras “no princípio” em Gênesis 1:1, nos recordam que só Aquele que está entronizado como soberano Senhor do tempo não tem princípio nem fim. De acordo com SMICK (1975), a origem do tempo e suas delimitações – dia, noite, semana, mês, ano, estações, etc., remontam à criação do mundo (Gn 1 e 2). Deus estabeleceu esses blocos de tempo para servir como meio para computá-lo.

No relato de Gênesis, observa-se que Deus deu exemplos claros de como organizar sabiamente o tempo e todas as atividades relacionadas a ele. Em Seu planejamento, Ele criou cada parte no devido momento – não criou primeiro os peixes e depois o mar, ou as plantas antes do sol.

Ao terminar Sua obra, Deus separou uma porção especial do tempo para que os seres humanos tivessem um momento de comunhão mais profunda com Ele (Gn 2:1-3). Mas, além do sétimo dia da semana, Deus mantinha contato com Adão e Eva todos os dias, indiretamente, por meio de seus anjos, ou diretamente, ao passear pelo jardim do Éden por ocasião da viração do dia.

Se, mesmo antes da queda, Deus sabia que o ser humano necessitava desse momento para contemplar Suas obras e meditar em Seu poder e bondade, após a queda, essa necessidade se tornou sumamente vital. O mal afronta sem cessar (Ef 6:18) e muitos fracassam na vida devido à falta de quietude e de

tempo exclusivo para a reflexão e oração. Através da devoção diária o homem permanece em Deus e cresce na divina graça. Essa comunhão, antes do início das atividades cotidianas, deve se estender ao longo de todo o dia.

Quando na terra, Jesus exemplificou uma administração sábia do tempo, priorizando o que era fundamental em suas atividades cotidianas. Ele ressaltou que o segredo para ser feliz é buscar em primeiro lugar o reino de Deus (Mt 6:33). Mas ele deixou claro que o tempo dedicado à comunhão deve ser particular, e não deve ser visto como exemplo de superioridade espiritual.

Cristo dedicava boa parte das horas, antes do início do dia, em comunhão com o Pai, e era nesses momentos que Ele buscava forças e sabedoria para realizar as obras em prol dos pecadores.

Portanto, o tempo é um princípio fundamental e decisivo, pois todas as atividades da vida humana ocorrem dentro dele. Uma pessoa geralmente tem sua vida programada com horários para trabalho, estudo, alimentação, repouso, recreação e outros compromissos. Mas, preso por uma rotina onde há mais atividades a serem realizadas do que tempo para as cumprir, o ser humano acaba priorizando o supérfluo ou desnecessário.

Infelizmente, o tempo para desenvolver a espiritualidade tem substituído por preocupações e ansiedades diárias. O apóstolo Pedro recomenda que o indivíduo administre o tempo tendo a Cristo como prioridade central para que possa desfrutar uma vida equilibrada e de êxito (1Pe 4:11).

Nada deve ser tão importante para o cristão do que o tempo dedicado para a comunhão com Deus e o preparo para a vida imortal. Aqueles que negligenciam esta verdade não estarão em condições de receber as bênçãos de Deus, como descreveu o salmista: “Àquele que ordena seu caminho Eu mostrarei a salvação de Deus” (Sl 50:23).

Além disso, Deus adverte que o tempo é breve e que a vida humana passa “como uma neblina que aparece por instantes e logo se dissipa” (Tg 4:14). A oração de Moisés mostra qual deve ser o maior desejo de um cristão: “Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio” (Sl 90:12); e Paulo exorta a “remir o tempo porque os dias são maus” (Ef 5:16).

Para administrar sabiamente o tempo, é necessário valorizá-lo como se valoriza a própria vida e usá-lo para comunhão com Deus e no trabalho em prol dos semelhantes.

Desperdiçadores de tempo

Alguns Desperdiçadores de tempo, são: 1) Desorganização pessoal; 2) Problemas de desorganização; 3) Interrupções; 4) Indecisão e procrastinação; 5) Socialização; 6) Mensagens descartáveis e leitura estranha ao trabalho; 7) Falta de planejamento; 8) Uso da televisão e outras mídias – *a internet* que tem sido uma grande vilã que absorve uma parcela significativa do tempo dos pastores; 9) Reuniões; 10) Problemas familiares; 11) Viagens e problemas com carro; 12) Cansaço.

A diferença entre os homens sábios e néscios, ricos e pobres, seculares e espirituais, geralmente não são tanto à diferença em circunstâncias e começo que tiveram na vida, mas a prioridade que se dá para o Reino de Deus. Em Mateus 6:33, lemos: “Mas, buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas”.

Considerações finais

Esta unidade observou que o estudo da Bíblia é parte fundamental para o crescimento na espiritualidade. Também destacou que os métodos para a leitura de Seu conteúdo contribuem para melhor entendimento. Uma administração do tempo como alternativa fortalece a espiritualidade.

Por meio da revelação, conceitos, informações, exortações de valor permanente, são comunicados ao ser humano. Deus se move em direção ao homem para que este não permaneça em trevas. Vimos que a Bíblia é a escola do Espírito Santo, na qual nem se tem deixado de pôr coisa alguma necessária e útil de conhecer, nem tampouco se ensina mais do que o que é preciso saber.

A unidade mostrou que, a fim de que a Bíblia tenha real significado para nossa espiritualidade e seja uma verdadeira história do amor de Deus por nós, deve ser lida, estudada e meditada. Também realçou o fato de que a

administração do tempo se justifica porque é por meio do tempo que todas as coisas ocorrem debaixo do sol.

Hora de rever

O estudo desta unidade tratou, numa visão cristã, da importância do estudo da Bíblia e da administração correta do tempo, para se ter uma comunhão eficaz com Deus. Diante destes princípios fundamentais, o tema motiva e desafia o aluno a fazer da Palavra de Deus a parte central da vida cristã, a passar tempo, cada dia, em comunhão com o Pai.

Discussões sobre estes assuntos não cessam de serem mostradas nas grandes academias. Entretanto, apenas conceitos, não são suficientes para alcançar aproximações indispensáveis numa convivência que transforma a vida cristã.

Conteúdo complementar

QUADRO, Leandro. “3 dicas para o estudo da Bíblia”. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=gXhQiFPGBCo>>. Acessado em 25 de fev/2025.

COVEY, Stephen. “Administração do Tempo”. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=TJHWym3Vg2s>>. Acessado em: 25 de fev/2025.

UNIDADE 4 – SANTIDADE E FORMAÇÃO ESPIRITUAL

Objetivos

- **Analisar definições e significados da santidade e observar como ela caminha de mãos dadas com a espiritualidade.**
- **Destacar a santidade como padrão de pureza moral que fortalece, à medida em que se aproxima de Deus.**
- **Ressaltar a importância da formação espiritual do líder de igreja,**

Santidade

Por meio do poder regenerador e inspirador do Espírito Santo, como já referido, o cristão é estimulado a viver em santidade (Rm 6:19, 22; Fp 3:12; 1Ts 3:13 e 1Pe 1:14-16), mesmo que seu alcance definitivo e final ocorra somente na glorificação, quando o crente será plenamente livre do pecado.

O termo hebraico, *Kadosh* ou *qadosh*, significa “santo”, “puro” ou “limpo”. A raiz desse vocábulo dá origem a outras palavras relacionadas a esse mesmo conceito: “santidade”, “santificação”, “separação”, “consagração”. Este termo “santificação”, tem a ver com o ser integral – físico, mental e espiritual. A seguir observamos dois aspectos importante da santidade.

1) *Santidade como distanciamento*. A santidade de Deus O afasta dos outros seres e O conserva independente e invulnerável ao restante de Sua criação (Ex 3:5; 19:18, 24; Os 11:9). Isso não significa que Deus esteja desligado ou indiferente às necessidades e problemas da condição humana (Sl 14:2; Pv 15:3). A santidade do ser humano está relacionada ao chamado de Deus para sair, separar-se e escapar das influências do mundo (Is 52:11; 2Co 6:14-18), como paixões, modas, costumes pecaminosos etc.

Um notável exemplo do que significa entrar no mundo e não ser do mundo, foi deixado por Daniel e seus companheiros: “Se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses” (Dn 3:18). Eles mostraram que determinadas dimensões da vida cristã não são negociáveis.

Jesus enfatizou que deve existir uma separação fundamental entre o cristão e o mundo: “Eles não são do mundo, como também Eu não sou”

(Jo:17:16). Cristo também tratou da nova identidade de Seus discípulos: “Vós sois a luz do mundo” (Jo 17:15). Assim como a luz não brilha em causa própria, os cristãos não devem servir a si mesmos, mas ser como fonte de sabor ou de luz para o mundo.

2) *Santidade como pureza moral*: A santidade de Deus consiste na total separação do pecado. Nele não há mal nem profanidade. Ele é moralmente puro (Is 5:16; 1Pe 1:15; 1Jo 1:5). Do mesmo modo, os seres humanos são convidados a viver uma vida de pureza moral, como Mateus 5:8 ressalta: “Bem-aventurados os limpos de coração...”.

Santidade e pecaminosidade

Pode alguém, por sua espiritualidade ou santidade, tornar-se santo e puro quando já nasce em pecado, como Davi expressou no Salmo 51:3 e 5? “Porque eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim [...] em pecado me concebeu minha mãe”. E conforme revela Jeremias 13:23, pode alguém, que está acostumado a fazer o mal, produzir bom fruto? Isaías 59:2 acrescentou que “...as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós para que vos não ouça”.

Por diversas vezes, Paulo ressaltou sua natureza de pecado: Rm 3:23: “Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”; Rm 7:14: “...sou carnal, vendido à escravidão do pecado”; Rm 7: 17: “... Mas o pecado habita em mim”; Rm 7: 18: “Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne não habita bem nenhum...”, e em Rm 7: 24, ele lamentou: “Desventurado homem que sou...”.

Por outro lado, a Bíblia não estimula o crente a buscar santidade? Levítico 19:2: “... Santos sereis, porque Eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo”. Mateus 5:48: “Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai Celeste”. 1Pedro 1:15: “Pelo contrário, segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento”.

O apóstolo escreveu, aos efésios, que eles haviam sido escolhidos para serem santos e irrepreensíveis (Ef 1:4); depois rogou que levassem uma vida

digna da vocação a que foram chamados (Ef 4:1). Quando os cristãos primitivos que foram justificados receberam o nome de “santos” (Rm 1:7; 1Co 1:2; Fl 1:1; Cl 1:2).

Tendo como padrão, o caminho da santidade para alcançar a salvação, autores como Milian L. Andreassen, afirmam que, por meio da ministração final de Cristo no santuário celestial, Deus demonstrará que a perfeição ou santidade atingida por Cristo não era a única, mas terá que ser repetida nos santos do tempo do fim. Segundo esse paradigma, Jesus não virá até que esse nível de perfeição ou santidade tenha sido atingido pela última geração.

Esse conceito infere que podemos ser perfeitos em nossa esfera (agora, mesmo antes do fechamento da porta da graça), com nenhuma consciência de ter acariciado um mal proceder sequer.

Buscar uma santidade sem pecado, seria um estímulo bíblico ou fanatismo religioso? Santidade que Deus requer não significa ausência de pecado, mas andar com Ele, como Cristo resumiu numa frase: “Sem mim nada podeis fazer” (Jo 15:5).

Nesse conceito, WHITE (1976) descreveu: “A santificação não é obra de um momento, de uma hora, de um dia, mas da vida toda. Não se alcança com um feliz voo dos sentimentos, mas é o resultado de morrer constantemente para o pecado, e viver constantemente para Cristo [...]. Não sabemos quão terrível será nossa luta no dia seguinte. Enquanto reinar Satanás, teremos de subjugar o próprio eu e vencer os pecados que nos assaltam; enquanto durar a vida não haverá ocasião de repouso, nenhum ponto a que possamos atingir e dizer: ‘alcancei tudo completamente’”.

Então, o que caracteriza a justiça do justo? Não é sua moralidade, perfeição ou impecabilidade, mas sua atitude de cultuar e andar incessantemente ao lado de Deus. Os israelitas sinceros não podiam viver sem expiação e sem necessidade de perdão (Gn 8:21; Sl 14;1-3). Havia necessidade contínua da graça redentora de Cristo (Sl 25:10; 130:8). Matinho Lutero concluiu que, por si mesmo, não era possível alcançar a santidade e estar na presença de Deus.

O surgimento do novo ser espiritual é obra inteiramente de Deus. Ele primeiro nos adota como filhos e filhas, chama-nos de “santos” e depois pede que reflitamos essa nova realidade em nossa conduta. Uma vida espiritual, justificada e santa será percebida, não devido a uma auréola de luz sobre a cabeça, mas através da maneira como o santo fala, se alimenta, age, se diverte e se associa. Suas ações são separadas dos valores e costumes pecaminosos e profanos.

Formação espiritual

Refletindo sobre a formação espiritual do líder da igreja, FOWLER (1997) descreveu que a igreja geralmente reflete as atitudes do pastor. Se ele for profundamente espiritual, a congregação será espiritual. Se ele for positivo e esperançoso, a congregação exibirá as mesmas características. Se o primeiro amor do pastor é a vontade de Deus, assim também será para os membros da igreja.

BAXTER (1989) descreveu: Será inapto para ser pastor, se não tiver prazer na santidade, se não odiar a iniquidade, se não amar a unidade e a pureza. Motivado na conduta humana, que é determinada pela conduta divina, o líder religioso necessita viver padrões superiores, como exortou o apóstolo Paulo: “E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (1Ts 5:23). O elevado significado que o líder religioso possui, exige qualificações ou parâmetros espiritual e moral.

Parâmetros espirituais

Entre religiões cristãs, há parâmetros espirituais e morais, fundamentados na Bíblia e manuais de conduta, que concedem privilégios e responsabilidades ao servidor religioso. Distrações, erros e negligências têm levado muitos a perderem seus direitos, atribuições e terem sonhos frustrados. Alguém, em angústia, lamentou: “Não há coisa mais difícil de suportar do que carregar o estigma de ex-líder cristão”. Uma vida espiritual autêntica supera fracassos e evita desgastes na missão (Lc 18:27).

Desta maneira, a espiritualidade e santidade se tornam partes indispensáveis para o exercício de qualquer ministério puro e leal. João Wesley fazia três perguntas sobre alguém que desejava liderar a igreja: Ele conhece a Deus? Ele deseja e busca nenhuma outra coisa senão a Deus? Ele tem o amor de Deus habitando em si?

Devido a falhas em possuir um viver santificado, muitos líderes estão morrendo de fome espiritual, enquanto preparam comida para outros. BAXTER (1989) lembrou que muitos cozinheiros podem ficar a lamber os dedos, tendo preparado os pratos mais suntuosos para outros comerem.

Sendo a santidade um ingrediente indispensável para um líder cristão, sua família também precisa estar envolvida neste princípio. Experimentos espirituais obtidos no núcleo familiar, servem de modelo para a igreja, como comentou BOST (1998): “Todo pastor serve a Deus com a família e não a despeito dela, e a esposa deve ser sua melhor amiga, pois ela ama, fala, facilita, chora, encoraja, corrige com prudência, muda ou amplia os sonhos, coloca romantismo na vida e ajuda a fortalecer o ministério”. Caso o lar não esteja bem fundamentado no compromisso de santificação mútua, todo o ministério pode tornar vulnerável.

Parâmetros morais

O parâmetro produz alto risco para qualquer líder religioso, caso não seja bem dominado. A Bíblia diz que o sexo, apesar de bom e poderoso, precisa ser controlado, pois quem não se cuida, pode ser atraído por beleza e sensualidade de consequências duradouras (Ver: Gn 1:31; 2:24; Ct 4:10; He 13:4 e 1Pe 3:7). Os hormônios tendem a responder mais forte que os neurônios. A exemplo, Sansão matou milhares de inimigos com uma mandíbula de leão; mas, foi dominado por uma mulher (Jz 13-16) e frustrou o sonho de Deus para sua vida.

WHITE, na obra *Adultério, Divórcio e Novo Casamento*, págs. 72-77, descreveu que a intimidade ilícita e práticas profanas estão sendo introduzidas entre nós em alto grau, e ministros que estão manejando as coisas sagradas são culpados de pecado desta natureza”. Líderes envolvidos em escândalos sexuais frustram as expectativas de Deus para sua vida e quebram a confiança pública.

Desvios inadequados começam com um olhar, um aperto de mão, um toque, um abraço longo, um beijo, um presente intencional, uma piada, um comentário impróprio, um compartilhamento de conteúdo sexual em redes sociais e outros.

Pastores, como seres humanos, estão susceptíveis às mesmas causas de turbulências conjugais que perturbam outras pessoas. Mas, em virtude da singularidade do seu trabalho, algumas dessas causas são mais específicas e complexas.

De acordo com EXLEY (1998), para “a maior parte de nós, que trabalhamos no ministério, a tentação sexual não chega pintada com tons extravagantes de uma prostituta, mas vem com as relações interpessoais tranquilas e suaves que o pastor mantém com pessoas a quem realmente ama”.

O líder que se envolve em muitas atividades e possui pouca privacidade na vida conjugal, também se torna mais vulnerável ao fracasso nessa área. Como pregador e conselheiro, ele possui muitas oportunidades de identificar-se com seus membros. Vestir-se bem, ser inteligente, agradável e gentil podem ser atrativos e fatores de risco. Caso o líder não esteja bem resolvido na intimidade conjugal, a situação tende a deixá-lo muito vulnerável à prática do pecado sexual.

Além do exposto, há como uma pessoa obter a santificação, sem que tenha o domínio próprio nas áreas física, moral e espiritual? WHITE, em sua obra *Caminho a Cristo*, pág. 48, comentou que o desejo de bondade e santidade é, em si mesmo louvável; de nada, porém, valerão essas virtudes, se ficarem somente no desejo. Muitos se perderão enquanto esperam e desejam ser cristãos. Não chegam ao ponto de render à vontade a Deus. Não escolhem agora ser cristãos.

Como está seu empenho para viver os parâmetros corretos e essenciais da santificação?

Considerações finais

Nesta unidade foram ressaltados conceitos e significados da santidade, que é fortalecida naqueles que abrem espaço para a ação divina. Notou-se também que uma vida justificada e santa é percebida, não devido a uma auréola de luz sobre a cabeça, mas através do falar, alimentar, agir, divertir-se e associar.

Foi visto aqui que a santidade é parte indispensável para o exercício de qualquer ministério puro, leal e cristão, pois o elevado significado do líder exige qualificações e parâmetros espiritual e moral.

HORA DE REVER

Aqui foram apresentados definições e significados do termo santidade. Além de destacar a santidade como um caminhar de mãos dadas com a espiritualidade, ela pode ser vista como padrão de pureza moral que fortalece à medida em que se aproxima de Deus.

Para que este conceito seja relevante na vida cristã, os líderes religiosos necessitam ser motivados a praticá-la, através do poder regenerador e inspirador do Espírito Santo.

O tema mostrou que, devido a seu vasto significado e relevância para a experiência cristã, a santidade necessita ser objeto de prioridade, pois possibilita estar mais perto a Deus.

Conteúdo complementar

LIBANIO, J. B. **Discernimento espiritual: reflexões teológico-espirituais**. São Paulo: Loyola, 1977.

BEEKE, Joel. Espiritualidade Reformada. Disponível em: <<https://epage.pub/doc/espiritualidade-reformada-joel-beeke-yz577m8gvx>>. Acessado em 24 de fev/2025.

Washer, Paul. **A Santidade de Deus e a Depravação do Homem**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1xdTEmYMWvs>>. Acessado em 24 de fev/2025.

BRITO, Gilson, “Santa hipocrisia”. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=XN3kn8GtW8M>. Acessado em 25 de fev/2025.

REFERÊNCIAS

ALTMAN, Walter “A importância do estudo da Bíblia”, *Revista A Bíblia no Brasil*, julho a setembro de 2005; pág. 34.

BAXTER, Richard. **O Pastor Aprovado**. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1989; pág. 97.

BENSON, Herbert. **Timeless Healing: the power and biology of belief**. New York, Fireside, 1997.

BLOESCH, Donald cit. em FOSTER Richard J. **Oração, o refúgio da alma**. Campinas, SP: Cristã Unida, 1996; pág. 220.

BOST, Bryan Jay. **Obreiro Aprovado**. São Paulo: Editora Vida, 1998; pág. 35-40.

BREITBART, W. *Espiritualidade e sentido nos cuidados paliativos*. O Mundo da Saúde, 2003; págs. 45-57.

BRIGHT, Bill. **Sete Promessas de um Homem de Palavra**. Venda Nova, MG: Betânia, 1996; págs. 38 e 39.

BUCKINGHAM, Jamie. **Força para viver**. Venda Nova, MG: Betânia, 1983; pág. 118.

BURNE, Martin J. "Do You Need Less Prayer than Jesus Did?", *Revista Ministério*, janeiro de 1980; págs. 16, 17.

CHAMPLIN, Russel Norman. **O Novo testamento interpretado versículo por versículo, vol. 1**. São Paulo: Hagnos, 2002; pág. 319.

DANIÉLOU, Cit. por CONGAR, Y. **Credo nello Spirito Santo, I**. Brescia: Queriniana, 1982, p. 18.

ENDRUEIT, Wilson H. **O Espírito Santo, breve interpretação histórica e revelação bíblica**. Engenheiro Coelho, SP: MarGraphics, 2007; pág. 17.

EXLEY, **Peligros del Poder**. Nampa, ID: Pacific Press Publishing Association, 1998; pág. 27.

FINLEY, Mark. "Como tornar-se um Intercessor Poderoso". *Sinais dos Tempos*, número especial; pág. 20 e 21.

_____. **O Reavivamento Prometido**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011; p. 54.

FOSTER, Richard J. **Celebração da disciplina**. São Paulo: Vida, 2000; pág. 43.

FOWLER, John W. **Ministério Pastoral Adventista**. São Paulo: Editora Tempos Ltda, 1997; pág. 9.

FRANKL, Viktor E. (1995) *Logoterapia e análise existencial: textos de cinco décadas*. Campinas: Editora Psy. Disponível em: <https://br.search.yahoo.com/search?fr=mcafee&type=E210BR105G0&p=espiritualidade+e+vida+religiosa+pdf>. Acessado em: 13 de fev/2025.

FRONKE, DeVern. **O maior privilégio da vida**. Venda Nova, MG: Betânia, 1994; pág. 10, 11.

FROOM, Leroy E. **A vinda do Consolador**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988; págs. 127 e 128.

FROSINI, G. **Spiritualità e Teologia**. Bologna: EDB, 2000, p. 7.

GAMBETTA, León. Cit., em H. M. S. Richards Jr., “A arte da meditação cristã”, *Revista Atalaia*, agosto de 1981; págs. 12-14.

GRUDEM, Wayne. Teologia Sistemática, completa e atual. São Paulo: Nova Vida, 2022; pág. 1017.

GUIMARÃES H. P; AVEZUM, A. (2007). O impacto da espiritualidade na saúde física. *Revista de psiquiatria clínica*, v. 34, supl. 1, p. 88-94. Recuperado em:
<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v34s1/a12v34s1.pdf>.

HALLESBY, O. **Oração**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990; pág. 114 e 115.

HOLMES, Raymond. **A Ponta de um iceberg**. Berrien Springs, MI: Adventists Affirm, 1995; pág. 181.

JACOBSEN, Ruthie. **The Difference Is Prayer**. Washington, DC: Review and Herald, 1998; pág. 16.

JALICS, Francisco. **Aprendendo a orar**. São Paulo: Edições Paulinas, 1981; pág. 29.

KOENIG, Harold. G. McCOLLOUGH, M.E.; LARSON, D.B. **Handbook of Religion and Health**. New York: Oxford University Press, 2001.

LARSON, K. 2003 “The importance of Spiritual Assessment: One Clinician’s Journey”, *Geriatric Nursing*, Missouri, v. 24, n.6; págs. 370-371.

LLOYD-JONES, Martyn. **O segredo da bênção espiritual**. Niterói, RJ: Textus, 2002; pág. 237.

LOPES, Hernandes Dias. **A poderosa voz de Deus**. São Paulo: Hagnos, 2002; pág. 29.

LONDON JR., H. B. **Despertando para um Grande Ministério**. São Paulo. Mundo Cristão, 1996; pág. 128.

MACDONALD, Hope. **Jesus, ensina-nos a orar!** São Paulo: Mundo Cristão, 1976; pág. 97 e 98.

MELLOR, M. "Lord, Teach Us to Pray", *Revista Ministério*, 22 de outubro de 1970; pág. 7.

MORAIS, Jomar. "É só respirar", *Revista Sinais dos Tempos*, outubro de 2003; pág. 59.

PARGAMENT, K. I. **The Psychology of religion and coping**. New York, The Guilford Press, 1997.

PEALE, Norman Vincent. **O poder do pensamento positivo**. São Paulo: Cultrix, sd; pág. 74.

PFEIFFER, Charles F., Howard F. Vos e John Rea, eds. **Wycliffe Bible Encyclopedia, vol 1**. Chicago: Moody Press, 1975; pág. 371.

PETERSON, Lorrane "Perseverança na Oração", *Revista Mocidade*, julho e agosto de 1997, 15, 16.

PORTER, H. "Time", James Orr, ed., *International Standard Bible Encyclopedia*, vol. 5, 1939; pág. 2.982.

RAMOS, José Carlos. "Uma Pessoa Maravilhosa Chamada Espírito Santo". *Revista Adventista*, agosto de 2001; págs. 8-10.

RYDZEWSKI, Ella. "Meditação ou medicação", *Revista Adventista*, dezembro de 2001; pág. 17.

RUTTER, Ronald. **Doutrina bíblica da oração**. Rio de Janeiro: Juerp, 2001; pág. 28.

SILVA, João Bernardino e Lorena Bandeira. "Relação entre religião, espiritualidade e sentido da vida". *Universidade Estadual da Paraíba*, Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial 3 (2), 203-215, 2014.

SMICK, Elmer B. "Division of Time", Charles F. Pfeiffer, Howard F. Vos e John Rea, eds., **Wycliffe Bible Encyclopedia, vol. 2**, 1975; págs. 1.710 e 1.711.

STOKES, Marck B. **O Espírito Santo na herança wesleyana**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1995; págs. 41 e 42.

SPURGEON, C. H. cit. Em: TIPPIT (1990); pág. 38.

SWINDOLL, Charles. **Firme seus valores**. Venda Nova, MG: Betânia, 1985; págs. 156-159.

TIPPIT, Sammy. **O fator oração**. Rio de Janeiro: Juerp, 1990; págs. 48-54.

TURNER, Charles W. **O sentido espiritual da vida**. São Paulo: Livraria Liberdade, 1947; págs. 218 e 219.

VASCONCELOS, E. M. **A espiritualidade no trabalho em saúde**; 2ª edição. São Paulo, Hucitec, 2011.

WALDVOGEL, Luiz. **Você e Deus**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1977; pág. 45, 46.

WHIDDEN, Woodrow. **A Trindade**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003; págs. 85 e 86.

WHITE, Ellen G. **Atos dos Apóstolos**. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1976; págs. 560 e 561

_____. **Conselhos aos professores, pais e estudantes**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000; pág. 543 e 544.

_____. **Educação**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003; pág. 21.

_____. **Caminho a Cristo**; pág. 81.

_____. **Mensagens escolhidas, vol. 2**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1986; pág. 314.

_____. **Patriarcas e Profetas**; pág. 45.

YANCEY, Philip. **Oração: ela faz alguma diferença?** São Paulo: Vida, 2007.



**Av. Barão de Gurguéia, 3333B - Vermelha
Teresina - Piauí**

f @/maltafaculdade

 www.faculdademalta.edu.br